

---

# As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis

Masculinidades.

---

SCHPUN, Mônica Raisa (Org.).

---

São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. 233 p.

---

A partir dos anos 1990, no Brasil, vem crescendo o interesse pelos estudos sobre masculinidades. Durante muito tempo a masculinidade foi descrita como possuindo características universalizantes e a-históricas em que se sobressaía o modelo de homem empreendedor, guerreiro, provedor, entre outros. Porém, o olhar das/dos pesquisadoras, neste limiar do século XXI, tem se voltado para outras formas de ver e analisar a masculinidade. Diante das transformações operadas em nossa sociedade, principalmente com a conquista das mulheres por uma maior participação na esfera pública, a partir das décadas de 1960 e 1970, e com os questionamentos elaborados pela crítica feminista, ocorreu uma desestabilização nas representações do gênero masculino e emerge a questão: “O que é ser homem?”.

Diante de tal questionamento, ao invés de uma resposta simplista, as/os pesquisadoras/es apontam para o caráter polissêmico do termo masculinidade. Abandona-se qualquer pretensão essencialista e passa-se a demonstrar que a masculinidade é uma construção social e que nos mais diferentes contextos históricos e culturais ela é percebida e vivenciada de forma diferenciada.

Fruto de um momento em que esse debate ganha cada vez mais espaços nas universidades e também nas diferentes mídias, surge o livro organizado por Mônica Raisa Schpun. Já no título, *Masculinidades*, a autora deixa clara a forma de abordar a temática, ou seja, de forma plural e interdisciplinar. O livro reúne textos de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento como antropologia, psicanálise, sociologia e história. Apesar de a autora não ter a pretensão de fazer um ‘estado da arte’ dos estudos sobre masculinidade, Mônica Schpun nos proporciona um contato com

pesquisas produzidas no Brasil e no exterior.

Tal fato resulta das intensas atividades acadêmicas desenvolvidas pela organizadora. No campo da pesquisa ressalta-se sua participação no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, da Universidade Estadual de Campinas, e no Centre d’Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines (Université de Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines). Soma-se a isso o fato de Mônica Schpun estar frequentemente participando de eventos acadêmicos tanto no Brasil quanto no exterior.

Ao escolher os textos e as/os pesquisadoras/es que compõem a coletânea, a organizadora seguiu três critérios básicos. O primeiro foi o da interdisciplinaridade, que se deu não somente pela presença de diferentes disciplinas, mas também através de freqüentes cruzamentos de fronteiras realizados no interior mesmo dos textos. O segundo critério foi o de confrontar pesquisas produzidas em países diversos e que se referem a realidades também diversas. O terceiro critério foi o de que os textos contribuíssem para um refinamento dos conceitos e das categorias que servem de base para se pensar as dimensões sociais e históricas da construção das masculinidades.

O resultado é um livro com textos densos, bem fundamentados empiricamente e teoricamente, e a elegância da escrita permite uma leitura fluente e prazerosa, o que não compromete a seriedade com que temáticas tão polêmicas como violência física, exploração sexual, estupro e homofobia são tratadas. Isso se deve ao fato de que esses temas são acompanhados do desejo de uma sociedade mais tolerante em que fronteiras sejam obliteradas e que novos itinerários possam ser percorridos por homens e mulheres.

Em seu texto “Da dimensão sexual de uma guerra: os estupros em série com arma na ex-Iugoslávia, 1991–1995”, Véronique Nahoum-Grappe analisa as formas de violência impetradas pelos exércitos e milícias sérvias, com o objetivo de promover uma “purificação étnica”, diante da ameaça que representava, segundo a propaganda de guerra, a produção excessiva dos albaneses do Kosovo ou dos muçulmanos bósnios. A autora nos mostra que, além dos massacres e torturas cometidos contra a população masculina, com degolas e fuzilamentos em praças públicas, a população

feminina foi alvo de estupro sistemáticos e assassinatos. Essas práticas violentas não são novidades na história das sociedades e alcançam tempos imemoráveis. Porém, o que emerge de novo é o reconhecimento, por parte do Tribunal Penal Internacional, instalado em Haia, em 1996, do estupro sistemático, cometido em tempos de guerra, como um crime contra a humanidade. Para se chegar a esse reconhecimento, a autora nos mostra que foi preciso percorrer caminhos marcados pela dor e humilhação inscrita na memória e nos corpos das mulheres vítimas dessa violência. Com base em documentos em que mulheres relatam as atrocidades a que foram sujeitadas, chegou-se à conclusão de que o estupro representava, para o grupo invasor, uma "vontade de deter uma arma adequada contra o inimigo feminino" (p. 18). Tal constatação levou Véronique a pensar na diferença dos sexos na guerra ou, como diz a autora, "na intromissão do feminino no interior mesmo do político" (p. 18).

Lia Zanotta Machado, em "Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea", apresenta alguns desdobramentos dos estudos sobre masculinidade que a autora vem desenvolvendo há algum tempo. Nesse artigo, ela se propõe a refletir sobre as articulações entre os valores hegemônicos do masculino e os valores inscritos no exercício da violência física, notadamente nas agressões contra mulheres. Lia Zanotta constrói a sua análise a partir das falas de prisioneiros apenados por crimes de estupro, de agressores acusados de violência física contra suas companheiras e de jovens infratores. As falas dos estupradores, segundo a autora, remetem "às indagações sobre a articulação entre masculinidade e uma concepção de sexualidade que antagoniza o masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como objeto da sexualidade" (p. 36). Para entender a relação entre masculinidade e violência, Lia Zanotta faz uso, entre outros referenciais teóricos, de alguns termos desenvolvidos pela teoria psicanalista lacaniana que remetem à questão da potência e da força como *nome-do-pai* e *falo*. Aliando conceitos psicanalíticos ao construtivismo de gênero, a autora busca perceber como os gêneros são definidos social e culturalmente. Além disso, chama a atenção para a necessidade de se questionar o porquê de certos valores masculinos e femininos permanecerem na longa duração histórica em detrimento de outros indicadores de transformação e transversalidade entre gêneros.

Buscando inverter a lógica da maioria dos estudos sobre prostituição que centram suas

análises na figura feminina, Luisa Leonini, em seu texto "Os clientes das prostitutas: algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre a prostituição em Milão", empreende uma reflexão sobre as transformações operadas na sociedade contemporânea e o desenvolvimento alarmante do mercado do sexo profissional. A autora fez um mapeamento da prostituição feminina nas ruas de Milão com o objetivo de perceber quais são as motivações que levam os homens, de diferentes faixas etárias e condições sociais, a serem consumidores do "sexo pago". Segundo Luisa Leonini, chamar a atenção para o fato de que os clientes de prostitutas são homens significa recolocar no cerne da questão "o fato de que o tema da prostituição é um tema carregado de implicações de gênero, não apenas no que se refere às mulheres, mas também, à própria definição de homem e às relações de poder realizadas, imaginadas ou desejadas entre os gêneros" (p. 90). Com base em entrevistas realizadas com prostitutas e com alguns clientes, a autora traz à luz um aspecto do universo masculino que ficava até então restrito às conversas, quase sempre misóginas, entre homens.

O androcentrismo tem sido um dos fatores que têm dificultado uma maior participação dos homens no campo de estudo de gênero. Essa é a constatação de Daniel Welzer-Lang, após fazer um balanço da produção francesa sobre a masculinidade em seu texto "Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo". Falando a partir da realidade francesa, e que pode ser estendida ao Brasil, o autor lembra que ainda são poucos os estudos sobre os homens em uma problemática crítica da dominação masculina. A persistência de uma visão androcêntrica do mundo entre os pesquisadores masculinos e a dificuldade por parte dos homens em reconhecerem os estudos de gênero são alguns dos fatores que corroboram para o desinteresse pela temática. Os estudos centrados na desconstrução do masculino, entre os quais os desenvolvidos por Daniel Welzer-Lang, que emergem com a crítica feminista e a dos movimentos *gays*, têm possibilitado perceber a existência de uma hierarquia masculina. Como nos lembra o autor, nem todos os homens têm o mesmo privilégio e os mesmos poderes. Alguns homens, denominados de "grandes homens", têm privilégios que se exercem em detrimento das mulheres, mas também em detrimento de outros homens. Segundo o autor, somente com o rompimento de uma visão de mundo androcêntrica e heterossexuada é que avançaremos na

desconstrução pró-feminista do gênero masculino.

Um olhar não androcêntrico sobre a história nos é oferecido em “Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro do anos 1970 e 1980”. Através de cartas de leitores publicadas no jornal *Lampião da Esquina*, Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Rodrigo Ceballos nos levam, a partir de seu texto, a percorrer uma cartografia sensível das cidades brasileiras, principalmente dos grandes centros urbanos do Nordeste. Cartas escritas com o pretexto de fornecer um roteiro dos locais de encontros de um público homossexual possibilitam aos autores reconstruírem itinerários da luta pela cidadania e pela livre orientação sexual. Nesses registros emergem o desejo pela constituição de uma cidade plural em que todas as formas de sociabilidade e de amor “valem a pena”. Os homossexuais, até então obrigados a permanecerem ocultos, surgem nos espaços públicos a reivindicar visibilidade nas urbes. No final da década de 1970 e inícios dos anos 1980, segundo os autores, ocorrem grandes mudanças no cenário nacional: é tempo de abertura política, o mundo cultural se agita e novos movimentos sociais saem às ruas exigindo mudanças, entre eles os grupos de homossexuais que começavam então a se organizar. O termo *gay*, assim como fora utilizado nos Estados Unidos, passa a ser usado para contrapor a obscuridade a que os homossexuais estiveram até então relegados. Nas páginas de *Lampião da Esquina*, assim como em outros jornais e revistas, aparecem também os conflitos. São as armadilhas presentes nas trilhas urbanas e que remetem para as dificuldades colocadas pelas fronteiras de sexo e de gênero, construídas em determinado contexto histórico.

O deslocamento das fronteiras entre sexo e gênero é analisado por Susan Clayton em seu texto “O habitó faz o marido? O exemplo de um *female husband*, James Allen (1787-1829)”. A autora narra a história de vida de um operário da indústria naval inglesa, James Allen, história que transcorria sem levantar maiores suspeitas até o dia em que o operário morre ao ser atingido por um pedaço de madeira. Seria mais um caso de morte por acidente de trabalho, que talvez nem fosse divulgado pela imprensa, porém foi grande a surpresa dos legistas ao autopsiarem o cadáver e constatarem que se tratava de um corpo do sexo feminino. Tal constatação levou a que a imprensa desse um grande destaque ao caso. A vida de James Allen e de sua esposa

Abigail, com quem era casado há 21 anos, foi devassada pela imprensa. Um inquérito judicial foi instaurado e os colegas de trabalho foram chamados a falar sobre o comportamento de Allen. Cartas de amor, trocadas entre o casal, e as suas intimidades ganharam publicidade. Gravuras e pequenos livretos contando a história do casal passaram a ser comercializados e médicos procuravam entender o fato à luz dos conhecimentos científicos da época. É através dessa farta documentação e dos paradoxos contidos nela que Susan Clayton reconstrói a história de uma *female husband*, termo que passou a designar uma pessoa do sexo feminino que se transveste de homem e que mantém uma relação estável com outra mulher. Mais do que nos informar sobre a intolerância de uma época, que aparece tanto no sarcasmo presente nas falas dos depoentes e estudiosos, quanto na anormalidade com que o caso foi tratado, a vida de James Allen nos informa sobre o “desejo de mudar seu destino por meio do corpo” (p. 172) e de romper as prescrições de gênero de determinada época.

Perceber as marcas de gênero presentes em relatos biográficos de três empresários fundadores de grupos empresariais com perfil familiar é o objetivo de Adriana Piscitelli em “‘Pioneiros’: masculinidades em narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros”. A partir da noção de masculinidade, a autora analisa a maneira como características consideradas femininas e masculinas atravessam o “entrecruzamento de relações familiares e econômicas que conformam o universo dessas famílias/empresas” (p. 175). A autora entende a categoria gênero como uma forma de criar e expressar as diferenças que atravessam o social, sendo, portanto, necessariamente relacional. O conjunto de relatos sobre os pioneiros, ao serem contextualizados historicamente pela autora, aponta para uma diversidade de estilos de masculinidade e feminilidade e também nos remete para o fato de que alguns atributos que em determinado relato são apresentados como masculinos em outro podem ser vistos como femininos e vice-versa. Os relatos analisados, segundo Adriana, além de apontarem para a diversidades de estilos, nos permitem perceber denominadores comuns para as atribuições de gênero. Esses denominadores estabelecem continuidades entre feminilidades e, também, entre masculinidades. Utilizando-se da categoria de longa duração histórica, a autora aponta para as permanências e rupturas presentes nos estilos de masculinidade e feminilidade.

---

As percepções sociais do masculino e do feminino são problematizadas por Mônica Raisa Schpun em “De canhão a cartola: meandros de um itinerário emblemático (Carlota Pereira de Queiroz, 1892–1982)”. Nesse artigo a autora percorre, através de fontes orais e escritas, a história de vida de Carlota Pereira, uma das pioneiras no exercício da medicina e a primeira mulher eleita para o cargo de deputada federal (1933–1937). Um dos problemas com que a autora se deparou ao analisar as fontes que falavam sobre Carlota foi o fato de que essas fontes são permeadas de representações de gênero. Ao rememorem a trajetória de vida de Carlota, os informantes acabam por revelar as suas próprias percepções do masculino e do feminino. Tanto pelo fato de ter ocupado cargos públicos e eletivos quanto pelas idéias que defendia, Carlota flexibilizou as fronteiras de gênero de sua época. Ao circular por espaços até então vistos como prioritariamente masculinos, Carlota teve que construir estratégias de sobrevivência para poder enfrentar as reações muitas vezes misóginas e sarcásticas. Mas não foi somente o mundo masculino que se viu afetado por suas posturas e atitudes. Mesmo para algumas feministas da época as idéias de Carlota causavam uma forte rejeição. Como nos fala Mônica Schpun, “não somente com seu itinerário

mas também com suas posições e opiniões, Carlota atinge as fronteiras que separam o masculino e o feminino” (p. 224).

Ao percorrermos as páginas desse livro temos a certeza de que essa coletânea traz questões interessantes para todas/os as/os estudosas/sos de gênero quanto para pesquisadores de outras áreas das chamadas ciências humanas. Nele nos deparamos com discussões densas e atuais realizadas a partir de um enfoque multidisciplinar. Tal característica pode dificultar um maior entendimento das/os leitoras/es menos familiarizadas/os com os estudos de gênero e notadamente das masculinidades. Essa questão poderia ser, a meu ver, eliminada com uma sistematização, na introdução do livro, das formas como foi abordada a categoria gênero de análise.

Sem ter a pretensão de esgotar as temáticas trabalhadas e de oferecer conclusões definitivas, as autoras e os autores nos instigam a elaborar novos questionamentos em torno das masculinidades. Por fim, fica-nos a grata certeza de que esse livro contribuirá para um avanço dos estudos de gênero e para que novos itinerários de pesquisa sejam possíveis.

Vanderlei Machado ■  
Universidade Federal de Santa Catarina